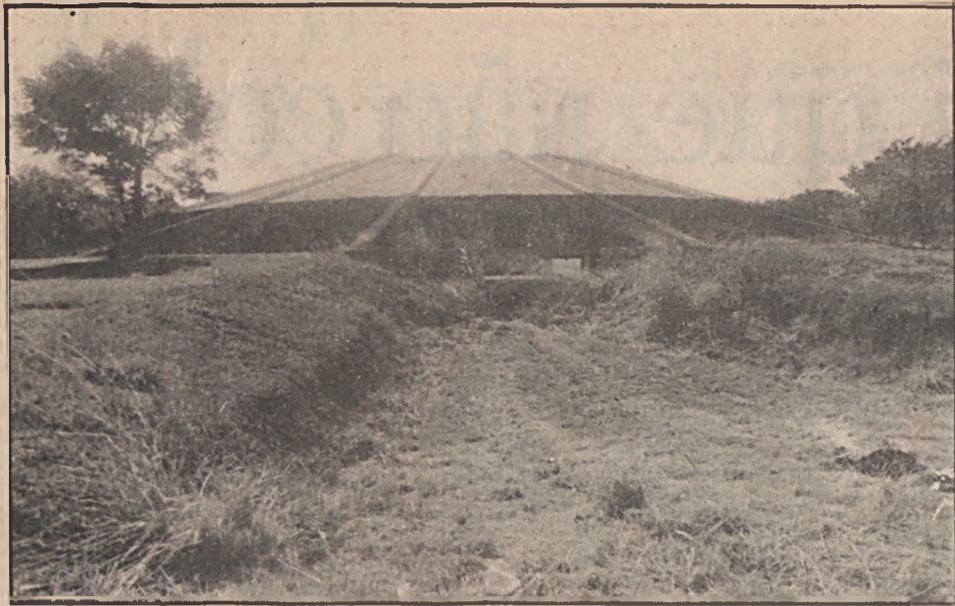


FOTOS: ADALTO CRUZ



Escondido pelo matagal na 903 Sul, o Instituto Histórico e Geográfico tem um belo acervo sobre os primeiros anos da cidade, mas ninguém visita o museu

Ninguém se lembra de ir aos museus

CARMEN CRUZ

A história de Brasília, sua construção e ocupação estaria perdida na memória dos seus pioneiros não fosse a ação sistemática de pessoas que reuniram, ao longo destas três décadas, inúmeras fotografias, documentos e peças de época em diferentes espaços. Estes quase 20 museus da cidade, entretanto, não parecem interessar ao brasiliense. As salas estão sempre vazias ou sendo visitadas por turistas. Poucos são os que sabem, por exemplo, que o acervo do Museu da Imagem e do Som, do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, está jogado às traças e às aranhas.

"Temos bons acervos, dignos de muitas visitas, mas o brasiliense não vai a museus", admite a coordenadora de Museus da Secretaria de Cultura, Lêda Saldanha da Gama Watson, que desenvolve uma política de cooperação técnica entre todos os

museus da cidade. Segundo ela, é lamentável que o acervo valiosíssimo do Instituto Geográfico — vídeos, fotos, filmes, gravações e peças — esteja fora de exposição. Encostado às paredes do prédio que servirá ao Museu de Armas, na HIGS 703/903, o acervo permanece empoeirado. Policiais militares mantêm a área isolada aos visitantes.

ATRATIVOS

Por si só, o museu só atrairá visitantes quando não mais atemorizar. Acreditando nisto, a coordenadora Lêda Watson pretende estimular a realização de atividades no espaço dos museus que sejam atrativos para toda a comunidade. "Enquanto os museus, na sua ação permanente, não desenvolverem ações ligadas ao cotidiano das pessoas não conseguirá atrair ninguém", fala a museóloga, lembrando que os hábitos culturais de uma população não são for-

mados em pouco tempo.

Os museus, de acordo com Lêda Watson, deveriam manter ainda um intercâmbio com as escolas e com a comunidade através de exposições itinerantes ou de ações que envolvam as crianças diretamente a atividade do museu. O trabalho da coordenadora do Museu Histórico de Planaltina, Giovan de Bem Bianchetti, que nos últimos três anos tem feito feiras, tardes de lazer, shows, grupo de artesanato, entre outros eventos, para atrair os moradores da cidade, trouxe bons resultados.

Os museus do Memorial JK e o Histórico de Brasília, no Eixo Monumental, são dois dos mais visitados da cidade, principalmente pela fácil localização. Brasília possui 17 museus, mas destes, seis não funcionam nos finais de semana, quando em busca de lazer o brasiliense poderia, encontrando a porta aberta, entrar em um deles.

Atrações e bons acervos nos privados

Os museus de valores da Caixa Econômica Federal e do Banco Central, bem como o Museu Postal e Telegráfico da ECT, são exemplos de grandes e organizados acervos no Distrito Federal. Eles estão no centro da cidade e reúnem quase 800 mil peças que registram a memória da CEF, o papel da moeda na história e a história dos correios e telégrafos no País, respectivamente. Abertos todos os dias ou até sábado, estes espaços devem constar da rota de lazer de crianças e adultos.

O Postal e Telegráfico, por exemplo, no Edifício Apolo (SCS), exhibe entre outras curiosidades o "olho de boi" terceiro selo do mundo e primeiro brasileiro (1834), um Ford que pertenceu a marechal Rondon e um serviço pneumático — para o envio de correspondências a curta distância através de ar comprimido.

DOENÇAS

O Governo do Distrito Federal, atualmente responsável direto pelo funcionamento de quatro museus brasilienses, deverá em poucos meses administrar também o Museu do Catetinho, que está sendo mantido pelo Departamento de Turismo (Detur), e o MAM, ainda sem funcionar. Por enquanto, a sua ação restringe-se ao Museu de Arte de Brasília (MAB), criado há cinco anos para reunir o acervo da Fundação Cultural do DF, ao Museu Histórico de Brasília, na Praça dos Três Poderes, ao Museu de Armas de Brasília — a ser montado no Instituto Geográfico, e ao Museu Vivo da Memória Candanga.

"Evidentemente, eles ainda não estão livres de problemas. Muitas doenças crônicas não foram sanadas,



Uma peça do Museu de Arte

as pessoas colecionadoras vendem, dificilmente doam, só que não temos dinheiro para comprar estas obras", afirmou Lêda Watson, da Coordenadoria de Museus.

O Museu Histórico, com iluminação precária, oferece ao visitante 12 quadros inscritos no mármore das paredes contando a história de Brasília desde a incondição mineira. Ele foi erguido em homenagem a Juscelino Kubitschek pelos pioneiros. Aos sábados e domingos é aberto de 11h às 17h. Além dos 12 quadros, estão expostas fotografias da construção e inauguração de Brasília. Na minissala de vídeo, filmes de Tânia Quaresma (Série Os Pioneiros) podem ser vistos diariamente.

No prédio do Instituto Histórico foi prematuramente inaugurado, há alguns meses, a coleção e armas do Governo do Distrito Federal que constitui o acervo do Museu de Armas de Brasília. Por isso, a Secretaria de Cultura decidiu fechá-lo, temporariamente, enquanto são criadas as condições ideais à exposição e ao desenvolvimento de uma concepção filosófica do Museu. "O acervo será estudado, catalogado e tombado, e ainda falta material para a montagem das 1 mil 500 peças que contam a história do Brasil através das armas", disse a museóloga Lêda Watson.

Índio ou Arte Moderna? Ninguém sabe

Se de um lado um acervo, como o do Instituto Histórico e Geográfico, está sem espaço e sem o tratamento museológico adequado, de outro Brasília conta com um espaço privilegiado para este fim, mas sem acervo. É o Museu de Arte Moderna, na Praça do Buriti, que inicialmente serviria ao Museu do Índio, ainda ligado ao extinto MinC, fechado até que o prédio retorne ao Governo do Distrito Federal.

Entre os que podem ser visitados pelo brasiliense apenas nos dias úteis está o Museu Vivo da Memória Candanga, próximo ao Núcleo Bandeirante, no antigo Hospital JKO. Recentemente, o Departamento do Patrimônio Histórico, da Secretaria de Cultura, recuperou todos os prédios de madeira que compunham o local, adaptando-os para oficinas de artes. No antigo hospital estão expostos documentos e fotos que con-

tam a história de Brasília desde a missão Cruls até sua inauguração. O horário de visitação é de 13 às 19h.

INDÍGENAS

O Museu Etnográfico, do Instituto Anthropos do Brasil, na 609 Norte, registra a cultura de povos indígenas da América Latina através de mil peças autênticas. Machado usado em rituais pelos Guarani, máscaras Tikuna, igaçaba gigante e machadinha de povos Jê destacam-se do acervo que pode ser visto diariamente de 9h às 18h. O brasiliense pode conhecer os principais modelos de bombas de gás lacrimogêneo usadas contra tumultos e inúmeras roletas de jogos clandestinos e outras mais de 3 mil e 500 peças se decidir visitar o Museu da Polícia Federal, na Academia Nacional de Polícia, estrada de Sobradinho. É só marcar com antecedência, pelo telefone 591-6080.

No prédio do Supremo Tribunal Federal, no 3º andar, estão expostas peças do antigo mobiliário que pertencem ao Palácio da Suprema Corte do Rio de Janeiro, e em desaque um plenário antigo, executado pela Casa Leandro Martins, em 1920. Visitas só após às 12h30, de segunda a sexta-feira, traje passeio completo. O Museu da Sucan, no anexo do Ministério da Saúde, 3º andar, também fica aberto só nos dias úteis. Ele expõe acervo referente a endemias e as técnicas para combatê-las. São 210 peças.

As tradições cearenses e nordestinas em geral podem ser vistas no Museu de Arte e Tradição do Nordeste, que funciona na Casa do Ceará, na 910 Norte. O acervo possui cerca de 1 mil 800 peças, e entre elas estatuetas de padre Cícero, roupas de vaqueiro e jangadeiro, rendas (uma obra de Chico da Silva. As visitas são de 8h às 12h e de 14h às 17h.